

Agenda Econômica

[Índice de confiança do empresário industrial de março - CNI](#)[IPC-S Capitais - FGV e IGP-M segunda prévia de março -FGV](#)[Seminário anual de Política Monetária - FGV](#)[Seminário Desafios do Brasil - IPEA](#)ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE**ETENE****Análise e Perspectivas****Produção Industrial no Brasil apresenta sinais de arrefecimento da retração, apesar das expectativas pouco favoráveis para os próximos meses**

“Para a taxa acumulada dos últimos 12 meses, terminados em janeiro de 2017, houve recuo de 5,4%. Embora negativo, este valor representa a continuidade da redução no ritmo de queda da produção industrial, iniciada desde junho de 2016. As expectativas dos empresários indicaram melhor perspectiva para as vendas, nos próximos seis meses, porém em sentido contrário, esperam por maior redução no número de empregados e nas compras de matérias-primas.”

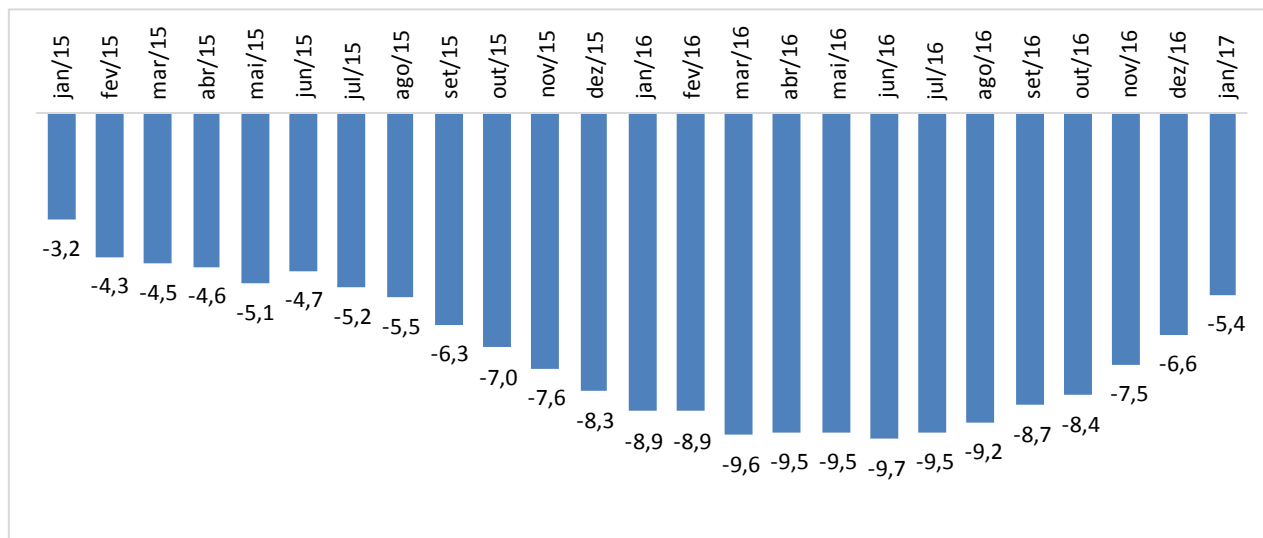
Janeiro de 2017 foi mais um mês de redução na **produção industrial**, -0,1% frente ao mês imediatamente anterior, após os avanços registrados nos dois últimos meses de 2016 que, no acumulado, havia crescido 2,9%. Para a taxa anualizada, ou seja, resultado acumulado dos últimos 12 meses terminados em janeiro de 2017, houve recuo de 5,4%, em comparação com igual período do ano anterior. Embora negativo, este valor representa a continuidade da redução no ritmo de queda da produção industrial, iniciada desde junho de 2016 (-9,7%). Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal: Produção Física - Brasil (PIM-PF/BR) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O **cenário de 2017** precisa levar em consideração uma base de comparação deprimida, com dois anos de forte

retração, e que deverá impactar, qualquer que seja o resultado final, numa leve melhora nos indicadores de produção industrial.

O Gráfico 1 mostra este arrefecimento que tem ocorrido na retração da produção industrial do País desde, pelo menos, junho de 2016 quando atingiu a maior redução para um período acumulado de 12 meses (-9,7%). Desde então, a **indústria** vem caindo menos, embora em patamares ainda elevados, atingindo a menor variação neste janeiro de 2017 (-5,4%). Contudo, deve-se perceber que a indústria encontra-se 19,1% abaixo do nível recorde alcançado em junho de 2013, de acordo com informações do IBGE.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial - Brasil - Jan/2015 a jan/2017 - Acumulado dos últimos 12 meses (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Na comparação com igual mês do ano anterior, a **produção industrial**, em janeiro de 2017, cresceu 1,4%, interrompendo trinta e quatro meses de taxas negativas consecutivas nessa base de comparação. Nesse confronto, os resultados também foram positivos para as quatro

grandes categorias econômicas, 16 dos 26 ramos, 47 dos 79 grupos e 52,8% dos 805 produtos pesquisados. Estes resultados mostram predomínio de resultados positivos, com destaque para os avanços mais acentuados em bens de capital (3,3%) e de consumo duráveis (3,2%).

Análise e Perspectivas

Produção Industrial no Brasil dá sinais de arrefecimento da retração, apesar das expectativas pouco favoráveis para os próximos meses

Os **bens de consumo semi e não duráveis** (2,1%) também registraram expansão acima da média nacional (1,4%). Apenas os **bens intermediários** (0,8%), embora com taxa positiva assinalaram crescimento abaixo da média.

O setor de **bens de capital** (3,3%) apontou a terceira taxa positiva consecutiva na comparação com igual mês do ano anterior, contudo sua expansão foi menos acentuada do que a verificada em dezembro de 2016 (16,6%). Foi alavancado graças ao aumento na produção de bens de capital para construção (34,2%), de uso misto (9,7%) e de bens de capital agrícola (3,0%), refletindo, dentre outros, as expectativas mais otimistas no setor da construção civil e de boa safra agrícola para o ano de 2017. Os impactos negativos se deram nos bens de capital para fins industriais (-13,4%), que marcaram o décimo oitavo mês consecutivo de queda, nos bens de capital para energia elétrica (-16,1%) e para equipamentos de transporte (-0,1%), refletindo o baixo dinamismo da indústria de transformação, em especial.

Os **bens de consumo duráveis** (3,2%) assinalaram o terceiro resultado positivo consecutivo, embora tenha sido o menos intenso dessa sequência. Referido crescimento decorreu da fabricação de automóveis (6,5%) e de eletrodomésticos da chamada “linha marrom” (19,9%). Por outro lado, os eletrodomésticos de “linha branca” (-3,5%), de outros eletrodomésticos (-9,3%) e de móveis (-4,3%) apresentaram os impactos negativos mais importantes.

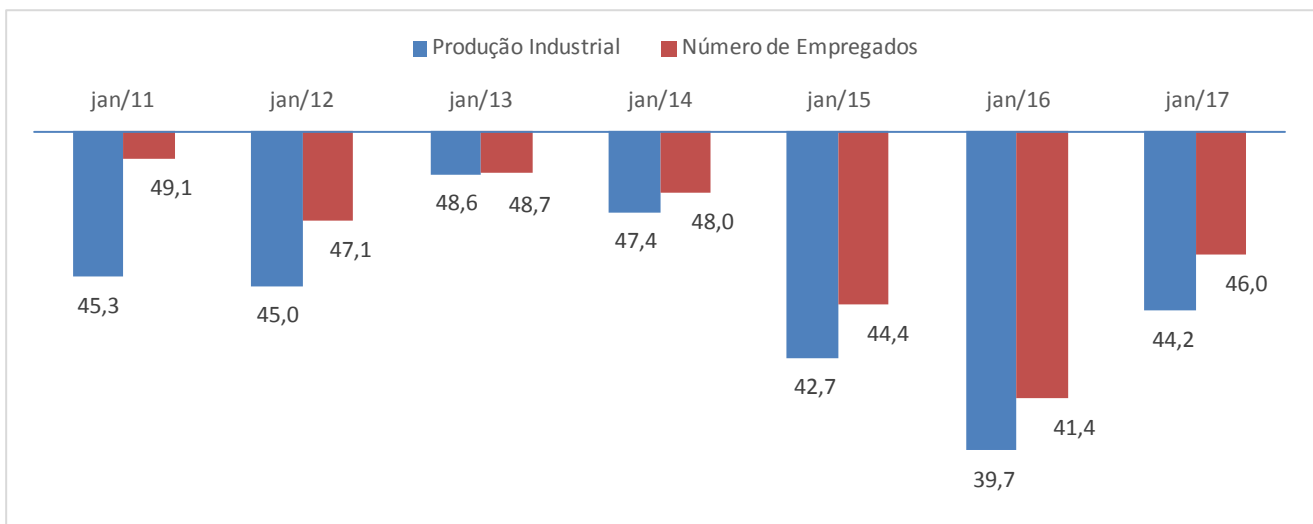
A produção de **bens de consumo semi e não duráveis** (2,1%), em janeiro de 2017, interrompeu oito meses de taxas negativas consecutivas, frente ao mesmo mês do ano anterior. Foram principalmente favorecidos pelos

semiduráveis que cresceram 12,4%. Os subsetores de não duráveis (2,6%) e de alimentos e bebidas para consumo doméstico (0,2%) também mostraram resultados positivos nesse mês.

O **setor produtor de bens intermediários** (0,8%) interrompeu trinta e três meses de taxas negativas consecutivas no índice mensal. O resultado desse mês foi explicado principalmente pelas indústrias extrativas (12,5%) que exerceram a maior influência positiva na formação da média da indústria em geral: de produtos alimentícios (3,8%); de metalurgia (4,2%); de produtos têxteis (11,7%); de celulose, papel e produtos de papel (5,4%); de outros produtos químicos (2,3%) e de produtos de borracha e de material plástico (2,1%). Houve queda na produção de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-13,1%), máquinas e equipamentos (-23,7%), produtos de metal (-7,4%), produtos de minerais não metálicos (-1,4%) e veículos automotores, reboques e carrocerias (-0,8%). Vale destacar também os resultados de insumos típicos da construção civil (-3,9%), que marcou o trigésimo quinto recuo seguido, mas o menos intenso desde março de 2015 (-3,3%); e de embalagens (1,6%), que interrompeu quatro meses consecutivos de taxas negativas na comparação com igual mês do ano anterior.

A pesquisa **Sondagem Industrial** da Confederação Nacional da Indústria (CNI) confirma o recuo da produção na indústria, na passagem de dezembro de 2016 para janeiro de 2017, embora ressalve que tal queda já seja esperada para o mês de janeiro, assim como para dezembro, devido ao fim das encomendas para as vendas de final de ano.

Gráfico 2 - Índices de evolução da produção e do número de empregados na indústria nos meses de janeiro (2011 a 2017) - Brasil (Índice varia de 0 a 100 pontos¹)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados da CNI.

Nota 1: Valores acima de 50 pontos indicam crescimento na produção e no número de empregados, frente ao mês anterior. Valores abaixo dos 50 pontos indicam queda na produção e no número de empregados, na mesma base de comparação.

Análise e Perspectivas

Produção Industrial no Brasil dá sinais de arrefecimento da retração, apesar das expectativas pouco favoráveis para os próximos meses

Conforme se observa no Gráfico 2, o **índice de produção de janeiro de 2017** (44,2 pontos), apesar de assinalar a redução da produção em relação ao mês imediatamente anterior, foi menos intenso do que os índices registrados nos anos de 2015 e 2016, contribuindo para a expectativa de especialistas que acreditam estar em curso uma reversão no quadro de depressão do setor industrial. Vale ponderar, contudo, que a redução neste mês de janeiro, embora com menor intensidade, ocorreu sobre uma base já bastante retraída que vem se apresentando ao longo dos anos mais recentes.

O Gráfico 2 mostra que o **número de empregados na indústria** também diminuiu, na passagem de dezembro de 2016 para janeiro de 2017 (46 pontos). Contudo, acompanhando o comportamento percorrido pela produção, mostrou menor intensidade na queda, se comparado à retração ocorrida em janeiro dos dois anos anteriores.

A pesquisa da CNI também revela a manutenção da baixa utilização da **capacidade instalada (UCI)** que ficou estável em 63% nos meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017. Na comparação com janeiro de 2016, o índice apresentou crescimento de 1 ponto percentual. Porém, no nível atual, a UCI encontra-se com 5 pontos percentuais abaixo da média para o mês entre 2011 e 2016 (68%).

As **expectativas dos empresários**, captadas em fevereiro de 2017, se mostraram otimistas no que se refere ao aumento na demanda e nas exportações, assinalando melhor perspectiva para as vendas nos próximos seis meses. Em sentido contrário, os empresários acreditam que haverá maior redução no número de empregados e nas compras de matérias-primas, de forma ainda mais disseminada do que o esperado na pesquisa de janeiro de 2017.

Provavelmente, o melhor dado identificado pela pesquisa da CNI esteja relacionado ao **índice de intenção de investimento** em compras, construção, pesquisa e inovação que vem subindo consecutivamente desde maio de 2016 e, em fevereiro de 2017 (46,9 pontos) foi o maior desde abril de 2015 (46,5 pontos). Comparada a fevereiro de 2016 (39,8 pontos), a atual intenção de investimento encontra-se com 7,1 pontos a mais, embora continue abaixo da média histórica do índice (47,4 pontos) e 2 pontos abaixo da média para os meses de fevereiro, desde o ano de 2014 (48,9 pontos).

A pesquisa **Sondagem da Indústria de Transformação** da Fundação Getúlio Vargas (FGV) não aponta para um cenário confortável na Indústria, no mês de fevereiro. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) recuou na passagem de janeiro para fevereiro. Interpretado pela pesquisa como um movimento de acomodação, após uma alta expressiva do índice no mês anterior, estima-se elevação no nível de confiança para os próximos meses, tendo em vista a previsão de maior redução nos juros e a injeção de recursos a partir das contas inativas do FGTS.

O **Índice de Expectativas (IE)** também recuou em fevereiro, após a elevação registrada em janeiro. A maior influência veio da piora no quesito “previsão para a produção nos três meses seguintes”.

Em fevereiro, da mesma forma, recuou o **Índice da Situação Atual (ISA)** frente ao mês anterior. A piora na percepção sobre o nível de demanda atual exerceu a maior contribuição nesta diminuição.

O **Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI)** diminuiu 0,3 ponto percentual em fevereiro, para 74,3%, conforme captado pela FGV. A edição da pesquisa de fevereiro de 2017 coletou informações de 1.084 empresas entre os dias 01 e 22 de fevereiro.

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE, CNI e FGV.

Autora: Liliane Cordeiro Barroso, Economista do Banco do Nordeste / ETENE, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airton Saboya Valente Junior. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Biágio de Oliveira Mendes Junior, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso e Wendell Márcio Carneiro Araújo. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiária: Francisca Crisia Diniz Alves. Jovem Aprendiz: Anderson Acioly da Silva.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.